

004-Jovens rurais, urbanos e quilombolas protagonizando o fortalecimento da agricultura familiar e a construção do conhecimento agroecológico no Estado do Rio de Janeiro

Young rural, urban and maroon starring the strengthening of family agriculture and agroecological knowledge building in Rio de Janeiro State, Brazil

SILVA, Iranilde de Oliveira. Bolsista EXP-3 CNPq, ero_pa@yahoo.com.br; OLIVIERI, Fernanda. Bolsista ITI A CNPq, fe_olivieri@yahoo.com.br; TEIXEIRA, Lia Maria. UFRRJ, liamar@ufrj.br; FONTENELE, Luciana Nogueira. Bolsista de extensão da UFRRJ e GAE/AARJ, luciana_nf@msn.com; DANSI, Selma. Bolsista de extensão da UFRRJ e GAE/AARJ, selmadance@hotmail.com; MATHEUS, Andréia C. Eng. Agrônoma e ex-Bolsista ITI A CNPq, adreasmatheus@yahoo.com.br; TAVARES, Patrícia Dias. Técnica COOPERAR - ATES-RJ e GETERRA, patriciafloresta@yahoo.com.br.

Resumo

A construção do conhecimento agroecológico com jovens rurais, urbanos e das comunidades tradicionais do estado do Rio de Janeiro, trabalha com a formação centrada nos eixos Reforma Agrária, Juventude, Agroecologia, Cultura e Sociedade. É uma ação da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Os jovens que participam da formação são provenientes das regiões Norte Fluminense, Serra Mar, Metropolitana, Médio Paraíba e Costa Verde. Objetiva-se formar jovens para que possam atuar como agentes de desenvolvimento em suas localidades e como membros de redes de construção do conhecimento agroecológico e de promoção do desenvolvimento rural sustentável. Após um ano de formação os jovens se posicionam como juventude atuante e articulada em atividades nas regiões, capazes de se tornar verdadeiros protagonistas em agroecologia no Rio de Janeiro. O fortalecimento da Agroecologia perpassa pela permanência destes junto a sua família na sua realidade.

Palavras-chave: juventude, agroecologia, pedagogia da alternância, educação do campo.

Abstract

The construction of agro-ecological knowledge with rural youth, urban and traditional communities of Rio de Janeiro, working with focused training on track agrarian reform, Youth, Agroecology, Culture and Society. It is a joint action of Agroecology of Rio de Janeiro (AARJ) and the Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). It is geared for youth organizations that compose the AARJ in the Norte Fluminense, Serra Mar, Metropolitana, Médio Paraíba and Costa Verde. Objective is to train young people so they can act as agents of development in their localities and as members of networks of knowledge construction and agroecological promotion of sustainable rural development. After years of training young people locate themselves as active and coordinated youth activities in the regions and able to become genuinely involved in agro-ecology in Rio de Janeiro. And the strengthening of Agroecology permeates the permanence of these with his family in their reality.

Keywords: youth, Agroecology, Pedagogy of Alternation, Rural Education.

Introdução

Este trabalho objetiva apresentar uma forma de construção de conhecimento agroecológico com a juventude do campo e da cidade, baseando-se nas identificações a partir do diálogo das organizações sociais regionais, sobre as necessidades dos jovens serem atuantes de seu próprio papel, onde a Articulação de Agroecologia do estado do Rio de Janeiro (ARRJ) buscou parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A formação deu-se no contexto agrário do estado do Rio de Janeiro, que de acordo com Alentejano (2003) é marcado por processos de metropolização e urbanização, geralmente induzidos pelo capital agrário e por exploração urbana, provocando mudanças na questão fundiária e agrícola, e conseqüentemente mudanças nos aspectos ambientais. O autor ainda destaca dois aspectos fundamentais: o capital industrial provocando a metropolização e o capital imobiliário que subordina o capital agrário do interior, ocasionando grande esvaziamento do campo e por conseqüência, o inchaço dos grandes centros.

É neste contexto que a juventude do campo e da cidade é marginalizada, apresentando perda de identidade enquanto filho de agricultor/agricultora por tamanha descaracterização dos espaços agrários/urbanos onde vivem. Castro (2006) considera que esta juventude não deve ser considerada exclusivamente como uma população específica, mas, sobretudo, a partir dos processos de interação social e as configurações em que está imersa.

Esta formação esta pautada dentro dos princípios da Educação do Campo, que busca garantir o acesso à educação de qualidade. Diante disso, a intenção é formar jovens para que possam atuar como agentes de desenvolvimento em suas localidades e como membros de redes de construção do conhecimento agroecológico e de promoção do desenvolvimento rural sustentável.

Metodologia

A metodologia utilizada na formação é baseada na Pedagogia da Alternância, que implica em perceber saberes e conhecimentos transversais a partir dos processos sociais, econômicos, produtivos e culturais. Segundo a Revista Alternância (2006), esse modelo pedagógico, considera o sujeito inserido numa realidade concreta, sendo que, o jovem e sua realidade são elementos centrais para o projeto educativo, assim, rompendo com o ensino baseado em transmissão vertical dos conhecimentos.

O processo de formação chamado de Intervivência campo-campus foi organizado em três momentos distintos, mas que se complementavam, sendo: Tempo Escola (TE), Tempo Comunidade (TC) e Tempo Escola, novamente. Cada TE durava 14 dias, quando os jovens ficavam na UFRRJ com um programa de estudos teórico-práticos, que lhes dará condições de se desenvolver como protagonistas nas suas organizações e comunidades, interagindo com a articulação de agroecologia regional. O TC é o espaço entre cada TE, durando em torno de 5 meses, onde eles aplicam os conhecimentos adquiridos.

Os jovens que participam do projeto foram indicados pelas organizações sociais que fazem parte da AARJ. Após a indicação das Organizações Sociais, a Coordenação Executiva reuniu-se com os pais, para que pudessem compreender o papel do projeto da formação dos jovens para a realidade da comunidade e para a família. A partir da anuência dos pais, os jovens fizeram uma carta de intenção colocavam *suas expectativas e sua vida com a família, comunidade e organização* abordando também seus anseios em relação ao projeto e ao seu processo de formação.

Durante os TE e o TC há uma coordenação político-pedagógica que é composta por professores, técnicos bolsistas, estudantes da Universidade Rural, somando-se aos

acompanhantes pedagógicos regionais da articulação de agroecologia do Rio de Janeiro, que continuam atuantes durante todo o tempo comunidade.

Resultados e discussões

A formação em agroecologia prevê a participação de setenta jovens rurais, urbanos e das comunidades tradicionais do Estado do Rio de Janeiro em dois anos de ação. Como agência financiadora, o CNPq orientou que a faixa etária dos jovens seja de 15 a 18 anos, e que estejam devidamente matriculados. No entanto, houve a participação de jovens que já terminaram o ensino médio, que não estavam estudando e que não freqüentavam escola. A intenção era que esses jovens pudessem ter nessa formação o incentivo de voltar a estudar, despertando-os para práticas educativas, como: leitura, estudo e trabalhos em coletivo.

Iniciamos as atividades organizando uma coordenação executiva, que a partir de um grupo de estudos aprimorou os conhecimentos nas temáticas: Reforma Agrária, Juventude, Agroecologia, Cultura e Sociedade além de recorrer às organizações sócias, que são fundantes ao desenvolvimento do projeto de formação com os jovens.

A organização do TE só foi possível a partir do diálogo entre a universidade e as organizações sociais e das cartas dos jovens somada aos eixos norteadores, resultando assim numa programação pedagógica que buscasse atender as demandas das organizações e também da universidade. Caldart (2006) ressalta que pela pedagogia da alternância é possível organizar “tempos” de formação, onde Tempo Escola e o Tempo Comunidade se entrelaçam numa perspectiva de construção social da realidade dos jovens na família e comunidade.

Caldart (2006) aborda também a importância desta metodologia para o desenvolvimento da maturidade político-identitária que os jovens conquistam na medida em que defrontam as teorias apreendidas no TE com a práxis comunitária e a territorialidade camponesa. Ao retornarem à universidade para sintetizarem os trabalhos de articulação entre o que foi estudado e experimentado, os jovens se posicionam como agentes ativos que contribuem na construção dos movimentos sociais que fazem parte; o fato de se considerarem jovens agricultores agroecológicos vem corroborar para o engajamento na luta pela organização social em bases na tríade produção-cidadania-agricultura sustentável .

Além disso, foi perceptivo que fortalecer a interdisciplinaridade ajudou os jovens perceberem o que realmente almejam quando contribuem com o processo de formação. Houve um despertar, através da busca pela leitura da sua realidade, fazem diferenciações do que é posto pela mídia e pelo próprio sistema educacional. Nesse sentido, Caldart (2008) destaca que a materialidade educativa de origem da Educação do campo está nos processos formadores de sujeitos coletivos na produção e das lutas sociais (p. 81). Esta perspectiva colabora para reflexão crítica sobre a articulação entre a produção camponesa e a produção capitalista, buscando sempre a formação para o trabalho no campo que motive a permanência em suas localidades, e que essas se tornem mais forte na sua luta de resistência por suas territorialidades.

Se por um lado estratégico há ênfase das políticas públicas no estabelecimento de uma formação pela alternância para emergir a relação entre teoria-prática, concordamos com Santos (2008) que para a promoção de um novo desenvolvimento do campo deve-se partir de uma nova matriz tecnológica que nasça da organização social, organizativa e cultural dos agricultores familiares. No entanto, sentimos no programa de Intervivência que falta de acompanhamento local dos jovens e seus projetos tornou-se uma grande dificuldade da formação. Muitas regiões liberaram pessoas que acompanharam todas as etapas para auxiliar os jovens e ser a ponte entre as realidades da comunidade e da escola (UFRRJ).

Porém muitos deles, por necessidades de trabalho, não puderam seguir até o fim do projeto, e não conseguiam organizar as atividades e reuniões sem financiamento.

Um fator de extrema importância foi a diferença de realidades, como: assentados da reforma agrária, quilombolas, indígenas, caiçaras, agricultores urbanos e agricultores familiares. Podendo trabalhar em diversas atividades, as diferentes juventudes que se expressam no Rio de Janeiro, pôde trocar experiências técnicas e políticas das diferentes organização e formas de vida. Todos os jovens da primeira turma consideraram que mudaram a relação que tinham com a família, o trabalho no campo, passaram a valorizar mais o trabalho dos pais agricultores e a acreditar que é possível viver dignamente no campo. Além disso, agora se enxergam como juventude atuante e articulada em atividades nas regiões, capazes de se tornar verdadeiros protagonistas em agroecologia no estado.

Conclusões

A construção do conhecimento agroecológico nesse contexto perpassa pelos mais diferentes movimentos e organizações sociais que se entrelaçam, seguindo diferentes ideais políticos a sua interação e realização dentro da UFRRJ proporcionaram uma reflexão a estudantes e professores da Universidade. Trata-se de um espaço que possui aceitação para a diversidade, mas quando o trabalho se instala num formato de educação diferenciada, se demonstra como parcerias dessa forma só funcionam com horizontalidade.

O fortalecimento da Agroecologia se dá com os agricultores firmados no campo, e para tal se faz necessário despertar os jovens para que dêem continuidade às atividades agrícolas e culturais com um método de formação voltado a partir da sua realidade.

Agradecimentos

A todas as organizações da AARJ, à UFRuralRJ e ao CNPq.

Referências

ALENTEJANO, P. R. R. **Reforma Agrária, território e desenvolvimento no Rio de Janeiro**. 2003. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro, RJ.

CASTRO, E. G. **Os jovens estão indo embora? Juventude Rural e Reforma Agrária**. Boletim da Educação - Edição Especial, n. 11, Educação Básica de Nível Médio nas áreas de Reforma Agrária - Textos de Estudos, 2006. p. 117-124.

CALDART, R. S. **Teses sobre a Pedagogia do Movimento**. Boletim da Educação - Edição Especial, n. 11, Educação Básica de Nível Médio nas áreas de Reforma Agrária. Textos de Estudos, 2006. p. 137-149.

CALDART, R. S. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, C. A. **Por uma Educação do campo**: campo, políticas públicas e educação. Brasília: INCRA/MDA. 2008. p. 67-86.

REVISTA ALTERNÂNCIA - União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, v. 1, n. 2, 2006.

SANTOS, C. A. **Por uma Educação do campo**: campo, políticas públicas e educação. Brasília: INCRA/MDA, 2008. p. 15-32.